

Freud e as origens totêmicas da religião: um ensaio crítico-interpretativo

*Zeferino Rocha**

Resumo

O objetivo do presente ensaio é apresentar as fontes, o método e as hipóteses etnológicas que estão na base da interpretação freudiana das origens totêmicas da religião. Partindo dessas hipóteses, veremos como Freud reconstruiu o mito da morte do pai primitivo, vendo, nele, a fonte primeira do sistema totêmico, que era também, na opinião dele, a mais elementar forma de religião, da qual derivaram todas as demais. Em seguida, observaremos o que Freud, à luz da teoria psicanalítica, escreve sobre o totemismo, destacando o Édipo dos primitivos e o sentimento de culpa dele resultante, como causas do fenômeno religioso. Terminaremos o ensaio submetendo a interpretação freudiana das origens totêmicas da religião a uma reflexão crítica.

Palavras-chaves: Freud; Totemismo; Mito da morte do pai primitivo; Psicogênese da religião.

Freud and the Totemic Origins of Religion: an Intrepretative and Critical Reading

Abstract

The aim of the present essay is to present the sources, the method and the ethnological hypothesis that are in the base of the Freudian interpretation from the totemic origins of religion. From these hypotheses, we will see that Freud reconstructed the myth of the death of the primitive father, seeing in it the first source for the totemic system, the most elementary form of religion, from which derived all others. Following this, we will observe what Freud, looking at psychoanalytical theory, writes about totemism, giving emphasis to the Oedipus of the primitives and the guilt feelings resulting from him, as causes of religious phenomenon. We will finish the essay committing the Freudian interpretation of the totemic origins of religion to a critical reflection.

Keywords: Freud; Totemism; Myth of the death of the primitive father; Religion psychogenesis.

* Mestre em Filosofia e Teologia pela Universidade Gregoriana de Roma-Itália (1948-1952); doutor em Psicologia pela Universidade de Paris X, Nanterre-França (1973); professor-titular aposentado do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco (1974-1995). Atualmente é professor do Programa de Pós-Graduação (Mestrado e Doutorado) em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco, membro do Comitê de Ética em Pesquisa da UNICAP e membro fundador e honorário do Círculo Psicanalítico de Pernambuco.

Freud y los orígenes totémicos de la religión: um ensayo crítico-interpretativo

Resumen

El objeto del presente ensayo es presentar las fuentes, el método, y las hipótesis etnológicas que se encuentran en la base de la interpretación freudiana, relativas a los orígenes totémicos de la religión. Partiendo de estas hipótesis, veremos como Freud reconstruyó el mito de la muerte del padre ancestral, encontrando en él la primera fuente del sistema totémico, el cual era al mismo tiempo, en su opinión, la forma más elemental de religión, y de la cual se derivan todas las demás. Seguidamente, veremos lo que Freud escribe sobre el totemismo a la luz de la teoría psicoanalítica, destacando el Edipo de los ancestros, y el sentimiento de culpa resultante del mismo, como causas del fenómeno religioso. Terminaremos el ensayo con una reflexión crítica acerca de la interpretación freudiana de los orígenes totémicos de la religión.

Palabras-claves: Freud. Totemismo. Mito de la muerte del padre ancestral. Psicogénesis de la religión.

Introdução

Se o material pré-histórico e etnográfico sobre a vida dos primitivos for estudado do ponto de vista psicanalítico, chegaremos a um resultado inesperado na sua precisão, ou seja, Deus Pai, tomando a forma humana, encontrou-se um dia na terra, onde exerceu sua soberania enquanto chefe da horda humana primitiva até ao dia em que seus filhos se uniram para matá-lo. Resultou, porém, que este crime de libertação e as reações que ele provocou tiveram como resultado o aparecimento dos primeiros laços sociais, das restrições morais fundamentais e da mais antiga forma de religião: o Totemismo.¹

A interpretação da psicogênese do fenômeno religioso representa “o mais ousado de todos os empreendimentos” em que se lançou o pensamento de Freud. Ele próprio o afirma: “Redijo lentamente o quarto dos meus *Übereinstimmungen*, aquele sobre o Totemismo, que deve concluir esta série. É o mais ousado dos empreendimentos nos quais me lancei sobre a religião, a moral et quibusdam aliis [e outras coisas mais]. Que Deus venha em meu

¹ FREUD, S. Prefácio ao livro de Reik: *Ritual. Psychoanalytical Studies* (1919). As citações de Freud feitas no presente ensaio primeiramente foram consultadas na versão original da Edição *Studienausgabe* (Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag, 1982) doravante indicada com a sigla SA, seguida do número do tomo em algarismo romano e o da página em que se encontra a citação em algarismo arábico. Foi também indicada, com a sigla SB, a tradução *Standard Brasileira*, editada no Rio de Janeiro pela Imago (1969-1976), em que o número romano indica o volume e o arábico a página onde se encontra a referência. Todavía, uma vez que as citações, consultadas no texto original, foram traduzidas pelo autor do artigo, elas nem sempre coincidem com a tradução da *Standard Brasileira*.

auxílio!”² Com efeito, Freud jamais dissimulou as dificuldades inerentes às tentativas de aplicar as descobertas clínicas da psicologia individual ao domínio da psicologia coletiva. Todavia, para ele, esse era o único método suscetível de nos possibilitar o acesso à psicologia dos povos primitivos.

Opondo-se a Jung, que queria estudar a psicologia individual a partir das pesquisas no domínio da psicologia coletiva dos povos primitivos, Freud defendia o método oposto e procurava trabalhar o campo da filogênese, tendo como ponto de partida as descobertas clínicas da psicologia individual. No contexto de uma analogia cada vez mais avançada entre a vida psíquica das crianças, dos neuróticos e dos primitivos, ele assume a difícil tarefa de elaborar a interpretação psicogenética do fenômeno religioso.

Nessa tarefa, podemos distinguir duas etapas fundamentais: a interpretação psicanalítica das origens totêmicas da religião desenvolvida no livro *Totem e Tabu* (1913); e depois o estudo das formas mais elaboradas do fenômeno religioso, a saber, o monoteísmo judaico e o cristianismo que ele abordou no seu último livro, *O Homem Moisés e a Religião Monoteísta* (1934-39). No presente ensaio, vamos restringir-nos à primeira dessas etapas.

Uma observação preliminar impõe-se a fim de esclarecer o sentido dessa incursão de Freud no domínio da etnologia. Sem dúvida, ele teve o cuidado de compulsar as melhores e as mais autorizadas fontes etnológicas de seu tempo que estavam à disposição, mas tais fontes não têm, hoje, o valor que lhes foi atribuído no fim do século XIX e no começo do século XX. Muitos etnólogos modernos, particularmente os norte-americanos, criticam o estudo freudiano do totemismo por causa da fraqueza de suas bases científicas.

Essa crítica, no entanto, não leva em consideração o que é essencial na pesquisa psicanalítica quando esta se aplica ao campo da pré-história. Não é sobre o valor das pesquisas etnológicas que se baseia o essencial da proposta freudiana, nem esta deveria ser julgada por esses critérios. Assim, por exemplo, a hipótese do assassinato do pai primitivo, em torno da qual se elabora, como veremos mais adiante, a interpretação freudiana da origem totêmica da religião, não deve ser considerada como uma realidade histórica, mas, antes, como uma fantasia, cuja estrutura significativa é autônoma, na medida em que encena desejos inconscientes. Na verdade e em última análise, Freud não fundamentou a sua interpretação psicogenética da religião sobre a “historicidade” do acontecimento do assassinato do pai primitivo, por mais que, em *Totem e Tabu* (1913), ele tenha se inclinado a defender a realidade histórica desse acontecimento primordial. De fato, nessa obra ele destaca:

² Carta de Freud a Ernst Jones escrita em 9 de abril de 1913. *Apud* Ernst Jones (1961), Tomo II, p. 376.

A analogia entre o primitivo e o neurótico parece muito mais solidamente estabelecida (viel gründlicher hergestellt), se aceitamos que, para os primitivos, a realidade psíquica, sobre cuja organização não existe dúvida, coincidiu igualmente no início com a realidade fática (mit der faktischen Realität), isto é, os primitivos realmente realizaram aquilo que, segundo todos os testemunhos, eles tinham a intenção de realizar (die Primitiven das wirklich getan haben, was sie nach allen Zeugnissen zu tun beabsichtigten).³

No entanto, em *Um Estudo Autobiográfico* (1925), ele esclarece que devendo a possibilidade de tal sequência de fatos ser aceita como histórica, ou não, nem por isso a edificação da religião deixaria de ser feita no terreno do complexo paternal e construída sobre a ambivalência que o dirige.⁴ A fantasia edípica do pai morto e divinizado, qualquer que seja o fundamento de suas bases etnológicas, tem sempre, para o psicanalista, o valor de uma realidade psíquica, que de modo algum é inferior à realidade material dos acontecimentos históricos. Ou, para dizê-lo mais claramente com Freud: “Nosso inconsciente não executa a morte, ele apenas a pensa e a deseja. Seria um erro, no entanto, desvalorizar estas realidades psíquicas, comparando-a com a realidade fática. Ela é muito importante e de graves conseqüências (Sie ist bedeutsam und folgenschwer genug)”.⁵

Se, em seu último livro, *O Homem Moisés e a Religião Monoteísta* (1934-1939), ele ainda se mostra inclinado a admitir a realidade histórica do assassinato do pai primitivo, não se deve daí concluir que desconhecia os progressos da etnologia. Na verdade, Freud confessa que os conhecia, mas deles desconfiava:

Recebi repetidas e veementes reprovações por não ter modificado, nas recentes edições de meu livro [Totem e Tabu], as minhas opiniões, porquanto modernos etnógrafos, com unanimidade (einmütig), rejeitaram as opiniões de Robertson Smith, substituindo-as, em parte, por outras teorias inteiramente diferentes. A isso replico que esses supostos progressos me são plenamente conhecidos (wohl bekannt sind), mas não estou convencido nem da justeza dessas novidades nem dos erros de Robertson Smith. Uma objeção não é uma refutação, nem uma inovação significa necessariamente um progresso (Ein Widerspruch ist noch keine Widerlegung, eine Neuerung nicht notwendig ein Fortschritt). E, sobretudo, eu não sou um etnólogo, mas um psicanalista e tinha o direito de

³ FREUD, Sigmund. *Totem e Tabu* (1913) SA (1982), Vol. IX, p. 443/ SB (1974), Vol. XIII, p. 190.

⁴ FREUD, Sigmund (1925) SB. Vol. XX, p. 85. Este livro não foi inserido na *Studienausgabe*.

⁵ FREUD, Sigmund. (1915b). *Zeitgemäßes über Krieg und Tod* (1982) SA, Vol. IX, p. 57/ SB. *Reflexões para os tempos de Guerra e Morte* (1974) Vol. XIV, p. 336.

tirar da literatura etnológica o que precisava para meu trabalho psicanalítico. Os trabalhos do genial Robertson Smith forneceram-me preciosos pontos de contato com o material psicológico da análise, e referências para sua utilização. Com seus opositores nunca estive de acordo (Die Arbeiten des genialen Robertson Smith haben mir wertvolle Berührungen mit dem psychogogischen Material der analyse, Anknüpfungen für dessen Verwertung. Mit seinen Gegner traf ich nie zusammen).⁶

Como quer que seja, não foi como etnólogo, mas como psicanalista, que Freud se empenhou em elaborar a interpretação psicogenética do fenômeno religioso, abordando, em *Totem e Tabu*, as origens totêmicas da religião.

O estudo freudiano do totemismo

O interesse de Freud pelos problemas da antropologia social e da psicologia dos povos primitivos remonta aos inícios de suas pesquisas. Ainda muito cedo, ele tomou consciência de que a psicanálise, além dos objetivos terapêuticos, era um ramo da ciência psicológica destinada a esclarecer os mais variados campos das ciências humanas. Na sua Correspondência com Wilhelm Fliess, podemos constatar que, desde 1897, a problemática do incesto o preocupava. Esta lhe aparece como uma manifestação do conflito fundamental entre as pulsões sexuais e as exigências do trabalho cultural, que se encontra na base de sua interpretação psicanalítica da cultura.⁷

Freud igualmente manifesta grande interesse pelo estudo dos mitos, das lendas e dos contos, pois em todas essas criações da psicologia popular constata *Wunscherfüllungem* (fantasias de desejo), que significa para a humanidade inteira aquilo que os sonhos representam para os indivíduos. Para dizê-lo com suas palavras:

A pesquisa dessas criações literárias da psicologia popular de modo algum está terminada (Die Untersuchung dieser völkerpsychologischen Bildungen ist nun keineswegs abgeschlossen), mas quanto aos mitos é, por exemplo, muito provável que eles sejam vestígios deformados das fantasias de desejo de nações inteiras, que correspondem aos sonhos seculares da jovem Humanidade (aber est ist z.B. von den Mythen durchaus wahrscheinlich, dass sie den entstellten Überresten von Wunschphantasien ganzer Nationen, den Säkularträumen der jungen Menschheit, entsprechen).⁸

⁶ FREUD, Sigmund Freud (1934-39). *Der Mann Moses und die monotheistische Religion* (1982). SA. Vol. IX, p. 576. SB. *Moisés e o Monoteísmo* (1975). Vol. XXIII, p. 155-156.

⁷ Veja-se a esse respeito o livro *Das Unbehagen der Kultur* (1930). SA. Band Vol. IX, p. 191; SB. *Mal-estar na Civilização*. Vol. XXI, p. 75.

⁸ FREUD, Sigmund Freud (1908) *Der Dichter und das Phantisieren* (1982) SA. Vol. X, p. 178; SB. *Escritores criativos e Devaneio* (1976) SB. Vol. IX, p. 157.

É precisamente essa fantasmática do desejo que leva Freud a explicar os mitos da humanidade primitiva e as crenças religiosas que lhes são vinculadas como “obscuras percepções internas projetadas no exterior”.⁹ Sabe-se quanto ele sempre foi fascinado pelos segredos da pré-história humana e como seguia, com paixão, os trabalhos e as escavações arqueológicas, procurando nelas encontrar pontos de concordância com as pesquisas psicanalíticas. Não comparou o arqueólogo que escava o solo à procura do segredo da História da Humanidade ao psicanalista que interpreta as formações do inconsciente?¹⁰ Numa de suas cartas endereçada a Fliess encontra-se uma passagem muito interessante, na qual o entusiasmo pelas escavações de Evans, em Creta, revela suas preocupações com o totemismo: “Não leu você que os ingleses desterraram em Creta (em Knossos) um velho palácio que eles acreditam ser o verdadeiro labirinto de Minos? Zeus parece primitivamente ter sido um touro. Eis o que nos faz pensar em muitas coisas que não poderiam ainda ser escritas”.¹¹

Veremos que essa hipótese de Freud vai se afirmando à medida que ele desenvolve sua interpretação psicogenética do fenômeno religioso. Feita de modo sistemático no decorrer dos anos 1911 e 1912, a pesquisa culmina, em 1913, com a publicação do livro *Totem e Tabu*. Sabe-se que Jung foi, ao menos, a causa ocasional que motivou o interesse de Freud para com as religiões dos povos primitivos – isso é confirmado no *Um Estudo autobiográfico* (1925): “Mais tarde, em 1912, a observação convincente de Jung sobre as analogias de amplas conseqüências entre os produtos psíquicos dos neuróticos e dos povos primitivos levou-me a voltar minha atenção para esse assunto”.¹²

O que não se pode deixar de constatar, no entanto, é que apesar da influência de Jung, a metodologia seguida por Freud não foi a mesma defendida pelo psiquiatra suíço. Se para este, era absolutamente claro que os segredos finais das neuroses e da psicose não seriam desvendados sem a mitologia e a história da civilização¹³, Freud defendia que a psicanálise deveria esclarecer os enigmas da mitologia. E nos seus estudos sobre a psicologia dos povos primitivos, um lugar todo especial foi consagrado ao totemismo. Este, de fato, levantou, no início do século passado, uma vaga de entusiasmo entre os etnólogos, os historiadores, os psicólogos e os sociólogos da religião. Freud, cuja atenção já tinha sido voltada para a analogia entre a religião e a neurose obsessiva, não podia ficar alheio a esse entusiasmo.¹⁴

⁹ Carta a Fliess de 12 de dezembro de 1897. In: MASSON (1986), p. 287.

¹⁰ Cf. FREUD, Sigmund (1937)/*Konstruktionen in der Analyse* (1982) SA. *Ergänzungsband*, 393/SB. *Construções em Análise* (1975). Vol. XXIII, p. 289.

¹¹ Carta a Fliess de 4 de julho de 1901. In: MASSON (1986), p. 446.

¹² FREUD, Sigmund (1925). *Um Estudo Autobiográfico* (1976) SB. Vol. XX, p. 82-83.

¹³ FREUD/JUNG (1976), p. 333.

¹⁴ FREUD, Sigmund (1907). *Zwangshandlungen und Religionsübungen* (1982). Vol. VII, p. 13. SB. *Ações compulsivas e exercícios religiosos* (1974), Vol. IX, p. 119.

A correspondência com os discípulos e colaboradores mais próximos informa-nos sobre o seu estado de espírito, quando se colocou à procura de uma documentação adequada para elaborar a interpretação psicanalítica do Totem. Podemos ver nisso um testemunho tanto da seriedade com a qual ele realizava a fase preparatória de suas pesquisas como uma comprovação de seu espírito crítico diante do resultado de seus trabalhos. Em 30 de novembro de 1911, ele escreve a Ferenczi: “O trabalho sobre o Totem é uma coisa abominável. Leio enormes livros que verdadeiramente não me interessam, pois sei, de antemão, o que deles sairá. Meu instinto me diz, no entanto, que é preciso passar por isso e pelo que se refere a todo material que trata do assunto”.¹⁵

Disso resulta um estado de espírito que Freud descreve como uma “espécie de sofrimento”, o que habitualmente lhe acontecia na fase preparatória de seus trabalhos: “É uma espécie de sofrimento. Sinto-me raramente produtivo quando me sinto bem. Leio e leio e tudo isso fermenta. Irei chegar a alguma coisa? Eu não sei.”. A Pfister ele não dissimula as dificuldades do trabalho: “Deixei-me submergir por todas as espécies de pequenas correntezas nos meus estudos sobre a psicogênese da religião, e, considerando as fracas forças de que disponho, vou ter muita dificuldade de vir à tona no momento exato”.¹⁶

Mas a força de seu interesse era maior do que as dificuldades encontradas. Sigamos, pois, Freud nessa nova aventura de seu pensamento e vejamos quais as principais fontes de sua pesquisa sobre a psicogênese da religião e suas hipóteses etnológicas.

Fontes e método

Na vasta documentação reunida¹⁷, Freud deu um lugar especial aos estudos de Frazer, pois foram os livros *Totemismo e Exogamia* e *The Golden Bough* a fonte principal de sua pesquisa, embora Frazer pouco lhe tenha ajudado quanto à elucidação psicanalítica do problema do totemismo.¹⁸ Os autores que ofereceram “preciosos pontos de contato com o material da psicanálise” foram Darwin, Atkinson e Robertson Smith. A Darwin, de quem foi sempre um grande admirador, Freud tomou emprestada a hipótese segundo a qual

¹⁵ Carta citada por Ernst Jones (1961) Vol. II, p. 374.

¹⁶ Carta de Freud a Pfister de 14 de dezembro de 1911. In Freud-Pfister (1963), p. 93.

¹⁷ Como fontes principais do estudo freudiano do totemismo, poderiam ser citados: Ch. Darwin (1871 e 1875); É. Durkheim (1898, 1905 e 1912); J. G. Frazer (1910); A. Lang (1903, 1905 e 1910-1911); J. F. McLennan (1876-1896); R. Smith (1894); H. Spencer (1870, 1893); E. B. Tylor (1891); e W. Wundt (1916). As obras estão indicadas no fim do ensaio.

¹⁸ FREUD, Sigmund (1925). SB. *Um Estudo Autobiográfico* (1976) Vol. XX, p. 83. Este texto de Freud não foi inserido na edição alemã *Studienausgabe*.

os homens viviam primitivamente em pequenas hordas, todas submetidas à autoridade tirânica de um macho mais velho. A tal hipótese, Freud uniu as teorias de Atkinson sobre o fim do regime patriarcal e, particularmente, a hipótese da morte do pai da horda primitiva, morto e devorado pelos próprios filhos. No entanto, a síntese dos dados etnológicos e dos dados psicanalíticos foi realizada à luz das teorias de Robertson Smith sobre o clã dos irmãos e sobre a refeição totêmica.

Não se pode deixar de notar que Freud realizou grande audácia metodológica na medida em que reuniu diversas hipóteses elaboradas em domínios muito diferentes, sem que os seus autores tivessem tido a preocupação de fazê-lo ou de harmonizá-las em um conjunto coerente e lógico. Tal movimento sem dúvida se impôs, explica ele, por causa da impossibilidade em que se encontravam os etnólogos, à luz dos fatos descobertos, de se colocarem de acordo sobre uma explicação coerente do totemismo. Para Freud, essa dificuldade certamente se devia à própria complexidade do assunto em questão, mas era também motivada pelo fato de seus autores, “como de costume, estarem mais fortemente interessados nas críticas que faziam uns aos outros do que em suas próprias produções”.¹⁹

Diante de tal diversidade de opiniões, Freud sentiu-se no direito de apresentar sua hipótese inspirada na psicanálise, sem, no entanto, dissimular as incertezas inerentes às suas hipóteses, nem as dificuldades contra as quais se chocavam seus resultados. Entre essas dificuldades estavam o problema da continuidade da vida psíquica na vida das gerações e o problema dos meios de que se serve uma geração para transmitir os estados psíquicos à geração seguinte.

Para ele, no entanto, seria difícil dar um sentido à psicologia das massas (*Massenpsychologie*) sem admitir a hipótese de uma continuidade da vida psíquica na sucessão das gerações. Isso porque “se os processos psíquicos de uma geração não fossem prosseguidos nos da próxima, cada uma seria obrigada a recomençar sua maneira de se posicionar na vida e, assim, não haveria, nesse campo, nenhum progresso como também nenhum desenvolvimento”.²⁰

Quanto aos meios para a transmissão dos estados psíquicos, Freud acredita possuí-los na noção de “herança arcaica” (*archaische Erbschaft*). Essa noção sempre reteve sua adesão, apesar do desmentido que a ciência biológica infligiu às hipóteses inspiradas nas teorias de Lamarck. No fim de sua vida, ele ainda repetia: “Apesar disso, parece-nos impossível abrir mão desse fator

¹⁹ FREUD, Sigmund (1913). *Totem und Tabu* (1982) SA. Vol. IX, p. 395. SB. *Totem e Tabu* (1974). Vol. XIII, p. 135.

²⁰ FREUD, Sigmund (1913). *Totem und Tabu* (1982) SA. Vol. IX, p. 440-441. SB. *Totem e Tabu* (1974). Vol. XIII, p. 187.

[a transmissão das qualidades adquiridas], quando procuramos explicar a evolução biológica”.²¹ E depois de sustentar que as provas de que dispunha eram suficientemente convincentes para fundamentar as hipóteses sobre as origens totêmicas da religião, ele conclui: “Se não é assim, não podemos dar um passo a mais no caminho escolhido tanto na análise quanto na Psicologia das Massas. É uma audácia inevitável (Es ist eine unvermeidliche Kühnheit)”.²²

Hipóteses etnológicas

Freud resume nos seguintes itens as características essenciais do totemismo: ele é uma fase necessária do desenvolvimento humano; suas interdições visam, sobretudo, a proibição do incesto e a morte do animal totem; e, desse modo, ele se apresenta como um sistema religioso e social.

Não obstante o enigma desse difícil capítulo da pré-história humana, Freud partilha a opinião daqueles que veem, no totemismo, uma fase necessária do desenvolvimento da humanidade. Mas o totemismo, como todas as instituições humanas, tem uma longa história. O que dela podemos conhecer, hoje, é necessariamente marcado pelas deformações a que estão sujeitas as tradições muito antigas. Além do mais, não é fácil penetrar e decifrar os segredos dos povos primitivos, particularmente quando se trata das coisas mais íntimas de suas culturas; acrescenta-se a isso nossa dificuldade de compreender a mentalidade primitiva. Freud, no entanto, acredita poder afirmar que “todos os povos, mesmo os mais elevados na escala da civilização, passaram, em seu tempo, por esta fase do Totemismo”.²³

O totemismo é um sistema religioso e social, mas Freud não desconhece que esses dois aspectos não coexistem sempre e que não é fácil determinar a modalidade de suas relações. O aspecto religioso é intimamente ligado ao caráter ancestral do animal totem. Os membros do clã totêmico trazem seu nome e se consideram como seus descendentes. Em virtude dessa crença, são ligados uns aos outros por obrigações comuns e modelam as atitudes para com os semelhantes segundo o comportamento que têm para com o animal totem.

É ainda em virtude dessa crença que se elaboram as principais interdições totêmicas, principalmente aquela de matar e de comer o animal totem. Mas isso não impede uma atitude identificatória dos membros do clã com o animal totem, a qual é particularmente acentuada quando, em circunstâncias

²¹ Palavras de Freud reproduzidas por Ernst Jones no seu livro *La Vie et l'Oeuvre de Sigmund Freud* (1969), Tome III, p. 356.

²² FREUD, Sigmund (1934-1939). *Der Mann Moses und die monotheistische Religion* (1982) SA. Vol. IX, p. 547. *Moisés e o Monoteísmo* (1975) SB. Vol. XXIII, p. 121.

²³ FREUD, Sigmund (1925) *Um Estudo Autobiográfico* (1976) SB, Vol. XX, p. 83.

solenes (por exemplo, nos atos sacrificiais), o animal é morto por todos os membros da comunidade e estes, revestidos de sua pele, comem em comum sua carne e bebem seu sangue. Trata-se, para Freud, de um exemplo típico de uma identificação canibalística.

O aspecto social coloca em evidência os laços particulares que unem os membros de um mesmo clã. Eles não contratam matrimônio entre si e se abstêm de toda relação sexual com as mulheres do mesmo clã. Freud vê, na exogamia, uma lei destinada a preservar a proibição do incesto. Mas, para ele, o problema é saber o porquê dessa lei. Donde vem, em última análise, o medo do incesto, que deve ser considerado como a raiz da exogamia? Ele rejeita como insatisfatórias as teorias que querem explicar a questão, seja por uma aversão instintiva (nocividade biológica dos matrimônios consanguíneos), seja por razões higiênicas de ordem puramente prática. Para ele, na medida em que se consegue encontrar uma explicação para a existência dessa lei, será possível responder à delicada questão da origem do totemismo.

Freud observa que os autores, em geral, não levaram em consideração o aspecto psicológico quando abordam o totemismo. Assim procedem os que reduzem-no a uma questão de “denominação”, motivada pela necessidade das tribos de se distinguirem umas das outras pelos nomes. Mas o nome, mesmo para os primitivos, é algo inteiramente diferente de uma simples convenção. Como atributo significativo, implica um laço misterioso com o animal totem, do qual se tem o nome. E que laço é esse?

Os sociólogos o explicam pelo papel desempenhado pelo animal na vida social e econômica do primitivo. Aqueles que levam o aspecto psicológico do problema em consideração contentam-se em fazer apelo à crença na transmigração das almas ou nas transformações animais da alma humana. Para Freud, essas teorias seriam ainda menos satisfatórias do que as precedentes, e ele, então, toma uma posição na qual distinguiremos duas etapas essenciais: a reconstrução histórica do mito da morte do pai primitivo e, depois, o estudo desse mito à luz da teoria psicanalítica.

A reconstrução freudiana do mito da morte do pai primitivo

As reflexões feitas por Freud sobre o *Totem e o Tabu*, no contexto dos conhecimentos etnológicos de seu tempo, levaram-no a formular, sobre a origem da Lei da Exogamia e da Religião totêmica, a hipótese do assassinato do pai da horda primitiva. Embora não deixe de observar que a hipótese pode não ter sido uma “realidade histórica”, ele a considera com muita seriedade pois, diante das insuperáveis dificuldades relativas ao passado primitivo, o único caminho possível de acesso é o da construção hipotética. Tendo desaparecido as formas originais das instituições primitivas e as condições de sua

formação, somos reduzidos a substituir os fatos, que faltam, por hipóteses.

Em trabalhos posteriores, referindo-se à hipótese do assassinato do pai primitivo, Freud afirma que se trata de uma hipótese, semelhante a tantas outras, mediante as quais os historiadores da humanidade primitiva procuram esclarecer a pré-história, e pondera:

Trata-se, na verdade, apenas de uma hipótese, como tantas outras, com as quais os arqueólogos tentam iluminar a obscuridade dos tempos primitivos [...] Mas penso que é honroso para uma tal hipótese (es ist eherenvoll für eine solche Hypothese), se ela se mostra adequada para criar coerência e compreensão nos sempre novos campos [de pesquisa] (wenn sie geeignet zeigt, Zusammenhang und Verständnis auf immer neuen Gebieten zu schaffen).²⁴

No pós-scriptum do mesmo livro, ele refere-se novamente à hipótese do assassinato do pai primitivo e a chama de um “mito científico”.²⁵ Por mais estranha que pareça a expressão, compreende-se que ele a tenha usado, porque a construção hipotética por ele elaborada sobre a morte do pai primitivo tinha fundamento nas teorias de Darwin, Atkinson e Robertson Smith.

Na verdade, como veremos melhor depois, como hipótese científica ela foi sempre refutada pelos etnólogos e, hoje em dia, ninguém mais a defende. Mas é sua dimensão mítica que lhe dá um valor simbólico especial. Portanto, é nessa perspectiva que os psicanalistas se colocam para estudar a cena do assassinato do pai primitivo, tal como ela foi reconstruída no capítulo quarto de *Totem e Tabu* (1913).²⁶ Tal cena se passa em uma temporalidade mítica, na qual podemos distinguir três tempos constitutivos: o tempo da realização do ato do assassinato, o tempo da sua retratação e arrependimento e o tempo de sua repetição no decurso do desenvolvimento histórico.

O tempo da realização do ato

In Anfang war die Tat: No começo era o Ato. Essa célebre frase de Goethe foi escolhida por Freud como término de seu livro *Totem e Tabu*. Compreende-se o porquê da escolha, pois, para ele, este Ato, que está no início, é precisamente o do assassinato do pai primitivo pois nele é que se encontra o começo da vida em sociedade, da vida moral e da religião.

²⁴ FREUD, Sigmund (1921). *Massenpsychologie und Ich Analyse* (1982) SA. Vol. IX, p. 114. SB. *Psicologia de Grupo e Análise do Ego* (1976) Vol. XVIII, p. 155.

²⁵ “*Dazu müssen wir wieder kurz auf den wissenschaftlichen Mythos vom Vater der Urhorde zurückgreifen*”. FREUD, Sigmund (1921) *Massenpsychologie und Ichanalyse* (1982) SA. Vol. IX, p. 126. SB. *Psicologia dos grupos e análise do Ego* (1976). Vol. XVIII, p. 170.

²⁶ Sobre a reconstrução freudiana do mito da morte do pai primitivo cf. C. Backès (1968) e M. C. Boons (1968).

Para descrever o tempo de sua realização, Freud valeu-se da hipótese de Darwin concernente à horda primitiva. Segundo essa hipótese, como já vimos, os homens viviam sob a dominação e tirania de um pai violento e ciumento. Darwin fundamentou sua hipótese sobre o estudo da vida dos macacos superiores e, particularmente, dos gorilas, que viviam em bandos, com várias fêmeas, as quais pertenciam somente ao chefe da horda. Ele menciona, ainda, o ciúme desses animais, dentre os quais muitos se armavam com instrumentos especiais para combater os rivais; refere-se também à opinião do Dr. Savage, segundo a qual “os homens primitivos (nativos) aceitavam a presença de um só macho no seio de seus grupos. Quando o jovem macho, ao crescer, entrava em luta contra os outros para a dominação do grupo, era o mais forte que, depois de ter matado ou expulsado os concorrentes, tornava-se o chefe da comunidade”.²⁷

Apropriando-se dessa hipótese, Freud traçou o perfil do pai ciumento e tirano, destacando que “seu Eu tinha poucos vínculos libidinais, ele não amava ninguém além de si e os outros apenas na medida em que serviam às suas necessidades”.²⁸ Sob a tirania desse pai castrador, viviam os homens da horda primitiva. Mas um dia, os filhos, rechaçados e castrados, reuniram-se, mataram o pai e puseram fim à horda paterna. Uma vez reunidos, puderam realizar o que cada um deles, tomado individualmente, era incapaz de fazer. Que tenham comido o cadáver do pai, não havia nada de espantoso nisso, pois se tratava de primitivos canibais.

A reconstrução freudiana da realização do ato do assassinato do pai primitivo reúne a hipótese darwiniana e as conclusões que dela tirou Atkinson. O crime foi cometido pelo conjunto dos irmãos reunidos. Essa força coletiva tem explicação na força dos laços afetivos que unem os membros do grupo. Freud vê, na teoria psicológica da horda primitiva, a fonte da psicologia das massas. O comportamento dessas para com seu chefe é comparável ao comportamento dos primitivos em relação ao Urvater: “O Chefe das massas é ainda o sempre temido pai primitivo. A massa quer sempre ser dominada por um poder ilimitado, pois é, no mais alto grau, ávida de autoridade”.²⁹ Compreende-se que, para Freud, os indivíduos que compõem o grupo, ou a massa, substituam seu Ideal de ego pelo Ideal de ego do chefe.

No contexto dessa constituição libidinal das massas, o homem primitivo não podia comportar-se diante da personalidade onipotente e perigosa de seu pai senão de um modo passivo e masoquista. Mas, pelo mecanismo de-

²⁷ Cf. DARWIN, Charles. *The Descent of Man* (1871), p. 362, citado por FREUD, Sigmund (1913). *Totem und Tabu* (1982) SA. Vol. IX, p. 125-126. SB. *Totem e Tabu* (1974). Vol. XIII, p. 152.

²⁸ FREUD, Sigmund (1921). *Massenpsychologie und Ichanalyse* (1982) SA. Vol. IX, p. 115; SB. *Psicologia dos Grupos e análise do Ego* (1976). Vol. XVIII, p. 157.

²⁹ *Idem ibidem*. SA. Vol. IX, p. 119. SB. Vol. XVIII, p. 161.

fensivo do retorno no contrário, essa atitude masoquista converteu-se numa atitude agressiva, da qual dão testemunho as fantasias e os desejos assassinos que a acompanham. Tais fantasias encontram-se, na psicologia coletiva, em relação aos tiranos.

Se, no caso dos primitivos, as fantasias se concretizaram no ato do assassinato do pai primitivo, isso talvez se deva, em grande parte, à atitude que eles tinham diante da morte. Freud esclarece que

o homem primitivo não tinha nenhum escrúpulo nem a mínima hesitação em causar a morte. Ele era seguramente um ser muito passional, mais cruel e mais maldoso do que os outros animais (grausamer und bösertiger als andere Tiere). Ele matava sem constrangimento como [se fosse] uma coisa natural (Er mordete gern und wie selbstverständlich).³⁰

Por isso, Freud sempre se mostrou inclinado a acreditar que os primitivos realmente mataram o pai. Em *Totem e Tabu*, ele afirma: “Os primitivos realmente cumpriram o que, segundo todos os testemunhos, eles tinham a intenção de fazer”.³¹ E vinte e cinco anos depois, ele ainda assegurava:

Depois dessas explicações (Nach diesen Erörterungen), não tenho nenhuma hesitação em declarar (trage ich kein Bedenken auszusprechen) que os homens, de um modo especial, sempre souberam que tiveram um pai primitivo e que eles o mataram (die Menschen haben es – in jener besonderen Weise – immer gewußt, daß sie einmal einen Urvater besessen und erschlagen haben).

O tempo da retratação e do arrependimento

Diante do cadáver do pai assassinado, começa uma nova fase da história da humanidade, da qual Freud resume os principais acontecimentos baseado nas hipóteses de Atkinson e de Robertson Smith. Nela, acontece o tempo da retratação e do arrependimento depois da realização do ato. Segundo Atkinson, os filhos, após a morte do pai primitivo, entregaram-se a lutas ferrenhas para se apoderarem do seu lugar e da sua função e, logo, voltaram essa violência uns contra os outros, a ponto de se exaurirem em lutas fratricidas.³² Isso deu lugar à destruição da horda paterna e a uma fase de rivalidade entre os irmãos. Freud completa essa hipótese com a teoria de

³⁰ FREUD, Sigmund. *Zeitgemäßes über Krieg und Tod* (1915). SA. Vol. IX, p. 52. SB. *Reflexões para os tempos de Guerra e Morte* (1974), Vol. XIV, p. 330-331.

³¹ FREUD, Sigmund (1913). *Totem und Tabu* (1982). SA. Vol. IX, p. 443. SB. *Totem e Tabu* (1974). Vol. XIII, p. 190.

³² Cf. J. J. Atkinson. *Primal Law* (1903), p. 228. Citado por FREUD, Sigmund (1913). *Totem und Tabu* (1982) SA. Vol. IX, p. 426, notas 1-2. SB. *Totem e Tabu* (1974). Vol. XIII, p.170, notas 1-2.

Robertson Smith sobre o clã totêmico dos irmãos. As lutas foram superadas por um pacto de não agressão entre si.³³ Nenhum filho devia apoderar-se da herança do pai nem refazer o que ele fizera. A lei contra o incesto aparece, então, como a outra face do assassinato: “Matar o pai todo-poderoso detentor das mulheres é, ao mesmo tempo, instaurar a lei contra esta onipotência; o assassinato cria um pacto contra a volta desta onipotência, cuja expressão privilegiada consiste miticamente no fato das mulheres pertencerem a um só”.³⁴ Mas para se preverem contra o desejo da transgressão da lei, os filhos vão se impor restrições tabus.

Para Freud, o animal totêmico é um substituto do pai; por isso, ao proibirem sua morte, os filhos procuram por meio de uma “obediência retrospectiva” não somente manifestar sua retratação e desmentido do ato do crime, mas também desejam “reconciliar-se com o pai”. O tabu do incesto tornou possível a primeira forma de organização social. A interdição de não matar o animal totem está na origem da religião totêmica e resulta do pacto criado pelos irmãos com o pai morto.

Na medida em que o desmentido do ato do crime permite a manifestação de uma obediência retrospectiva e de uma submissão absoluta ao pai, que se torna ainda mais poderoso, a origem do fenômeno religioso aparece, para Freud, na forma mais elementar – a da religião totêmica –, que pode ser considerada como a fonte mais antiga de todas as outras religiões, que

não são senão tentativas de solução (Lösungsversuche) em vista de resolver o mesmo problema, tentativo que variam segundo a situação cultural em que foram empreendidas e segundo os caminhos que adotaram. Todas, no entanto, são reações contra o grande acontecimento (Reaktionen auf dieselbe große Begebenheit) pelo qual a cultura teve início (die Kultur begonnen hat), e que, depois disso, não deixa a humanidade ficar tranqüila (und die seitdem die Menschheit nicht zur Ruhe kommen läßt’).³⁵

Mas é no terceiro tempo da reconstrução mítica do assassinato do pai primitivo onde se encontra a chave da interpretação analítica da psicogênese do fenômeno religioso.

³³ FREUD, Sigmund (1913). *Totem und Tabu* (1982) SA. Vol. IX, p. 429. SB. *Totem e Tabu* (1974). Vol. XVIII, p.174.

³⁴ M. C.Boons. *Le meurtre du père chez Freud* (1968), p. 107. Essa aproximação do ato do assassinato e da lei contra o incesto, como outra face do crime, é colocada em destaque por Lacan, quando escreve: “A agressão contra o pai está no princípio da Lei e a Lei está a serviço do desejo que ela instaura pela interdição do incesto”. LACAN, Jacques. *Écrits* (1966), p. 862.

³⁵ FREUD, Sigmund (1913). *Totem und Tabu* (1982) SA. Vol. IX, p. 428-429. *Totem e Tabu* (1974) SB. Vol. XIII, p. 173.

O tempo da repetição do ato

Seguramente o interesse que Freud manifestou pela teoria de Robertson Smith, no que se refere à refeição totêmica como repetição comemorativa do ato da morte do pai primitivo, foi, em grande parte, influenciado pela importância que o conceito de repetição vinha adquirindo, cada vez mais, na experiência da clínica psicanalítica. Por causa das resistências que se opõem ao recordar o desagradável, o cliente repete o que tem dificuldade de recordar. E essa repetição se faz na transferência. Sem ter consciência do que está fazendo, ele repete projetando sobre a pessoa do analista muitas das experiências desagradáveis que foram vividas na infância. O conceito de repetição passou a caracterizar um momento importante na evolução da clínica psicanalítica.

Não é de admirar que, nesse novo contexto teórico-clínico que destaca a importância do fenômeno da repetição, Freud tenha visto sua atenção voltar-se para o terceiro momento da reconstrução mítica do ato do assassinato do pai primitivo, ou seja, a sua repetição através da história da humanidade. Partindo da tese de Robertson Smith sobre a refeição totêmica, ele escreve:

As refeições totêmicas, que são talvez a mais antiga festa da humanidade (Die Totemmahlzeit, vielleicht das erste Fest der Menschheit), seriam a repetição e a comemoração deste ato memorável e criminoso (wäre die Wiederholung und die Gedenkfeier dieser denkwürdigen, verbrecherischen Tat) que foi o início de tantas coisas: da organização social, das restrições morais e da religião (mit welcher so vieles seinen Anfang nahm, die sozialen Organisationen, die sittlichen Einschränkungen und die Religion).³⁶

Partindo de uma analogia com a noção de sacrifício dos antigos povos semitas, Robertson Smith afirma que, nas antigas religiões primitivas, os sacrifícios, sobretudo aqueles de animais, eram uma repetição da refeição totêmica. Não obstante a objeção dos etnólogos modernos, Freud sempre aderiu às hipóteses de Robertson Smith, e de seus estudos retém os dados seguintes: os sacrifícios das religiões primitivas representam, na sua significação mais profunda, um ato de comunhão entre os membros do clã e seu deus; sua forma mais antiga é a do sacrifício de um animal, do qual se come a carne e se bebe o sangue em comum; esta “refeição” é um ato solene do qual devem participar todos os membros do clã, porque comendo o animal sacrificado, eles reforçam os laços de união vital com o deus e se apropriam de sua força e de seu poder.

³⁶ FREUD, Sigmund. *Totem und Tabu* (1982) SA. Vol. IX, p. 426. SB. *Totem e Tabu* (1974). Vol. XIII, p. 170.

Para Freud, essa forma de identificação por incorporação canibal corresponde à mais arcaica forma de identificação que tem lugar na fase oral do desenvolvimento; trata-se da forma mais originária de um laço afetivo com o objeto. No vocabulário psicanalítico, essa forma arcaica de constituição do objeto, segundo o modelo do outro, está relacionada ao processo de incorporação oral, antes mesmo que se estabeleçam a organização e a autonomia do Eu, como objeto independente. Ela é profundamente ambivalente, pois implica tanto o desejo de assimilar as qualidades do objeto incorporado, conservando-as dentro de si (desejo de união amorosa fusionai), quanto o de destruir esse objeto ao incorporá-lo (manifestação da pulsão de destruição).

São precisamente esses dois aspectos ambivalentes da noção de identificação por incorporação oral que explicam os dois aspectos contraditórios da refeição totêmica: primeiramente, a expressão da reprovação do ato criminoso e, por conseguinte a expressão de uma obediência retrospectiva e de reconciliação com o a figura do pai; mas, também, festa na qual o desejo de transgressão da lei abria espaço para a explosão das pulsões recalçadas. Freud vê, nesse último aspecto, a outra face do cerimonial totêmico, que não é apenas uma reconciliação com o pai, mas também a lembrança do triunfo conseguido sobre pessoa dele. A festa da refeição totêmica seria instituída por esta razão precisa: “reproduzir sempre o crime cometido contra o pai pelo sacrifício do animal totem, tantas vezes quanto o ganho garantido por aquele Ato, isto é, a apropriação das qualidades do pai, em consequência das modificadas influências da vida, ameaçasse desaparecer”.³⁷

É para esse aspecto repetitivo do ato do assassinato do pai primitivo que Freud chama a atenção. Sua importância é maior do que as diversas formas de sacrifício que ele revestiu no decorrer da história. Tais formas, sejam elas quais forem, são elaborações secundárias e distorcidas ou uma progressiva racionalização das fantasias arcaicas. Na sua sequência repetitiva, as diversas formas do sacrifício são antes uma prova de que a lembrança do primeiro grande ato do sacrifício (o crime original) é indestrutível, não obstante todos os esforços feitos para apagá-lo da memória.

A morte do pai primitivo à luz da psicanálise freudiana

O desejo inconsciente da morte do pai tem um lugar de destaque nos sonhos e, particularmente, nos chamados sonhos absurdos referentes à morte de pessoas que nos são caras. Poder-se-ia dizer que *Totem e Tabu* (1913) transpôs para o registro do mito, ao nível de toda a humanidade, o que a *Traumdeutung* (1900) destacou no âmbito individual no registro dos sonhos.

³⁷ FREUD, Sigmund (1913). *Totem und Tabu* (1982) SA. Vol. IX, p. 429/ SB. *Totem e Tabu* (1974) Vol. XIII, p. 174.

Na origem do mito da morte do pai encontra-se a mesma problemática edípiana, cuja ambivalência manifesta-se também entre os primitivos em relação a seu pai e ao animal totem, seu substituto.

Freud reforçou a aproximação da imagem do pai e do animal totem com o estudo psicanalítico da zoofobia infantil e da angústia de castração que a motiva. Esse estudo comparativo da fobia infantil dos animais e da mentalidade totêmica do primitivo coloca em destaque, mais uma vez, a articulação entre a ontogênese e a filogênese. Isso leva Freud a dar um lugar de destaque ao tema da culpa na sua tentativa de elucidação da psicogênese do fenômeno religioso. Tal culpa é a edípiana que, tanto na criança quanto no primitivo, encontra-se na origem das formações inconscientes destinadas a resolver, sob a modalidade de um compromisso, os conflitos ligados à ambivalência em relação à imagem do pai.

O Édipo dos primitivos

Na perspectiva psicanalítica, a morte do pai primitivo possui estruturas significativas próprias, independentes da sua realidade histórica. O ato do assassinato do pai que Freud coloca miticamente no começo da pré-história é, portanto, a expressão, em nível da humanidade inteira, da fantasmática edípiana com a qual se confrontam todas as crianças no início da pré-história de seu desenvolvimento psíquico. Compreende-se que Freud tenha escrito: “O sistema totêmico nasceu das condições do Complexo de Édipo (... das totemistische System sich aus den Bedingungen des Ödipuskomplex ergeben hat)”.³⁸

Com efeito, para Freud, como já foi dito, a lei da exogamia é a outra face do assassinato do pai primitivo e as prescrições concernentes à proibição de matar o animal totem são uma expressão da culpa dos filhos em relação à morte do pai. Ele então argumenta:

Se o animal totêmico é o pai, os dois principais mandamentos do Totemismo, as duas proibições tabus que fazem o seu núcleo, não matar o Totem e não ter relação sexual com nenhuma mulher que pertença ao mesmo totem, coincidem, quanto ao conteúdo, com os dois crimes de Édipo, que matou seu pai e desposou sua mãe.³⁹

Assim, pode-se falar de um Édipo dos primitivos. Como as crianças no curso de sua evolução psíquica, os primitivos, eles também fizeram a expe-

³⁸ FREUD, Sigmund (1913). *Totem und Tabu* (1982) SA. Vol. IX, p. 417; SB. *Totem e Tabu* (1974). Vol. XIII, p. 159.

³⁹ FREUD, Sigmund (1913). *Totem und Tabu* (1982) SA. Vol. IX, p. 417; SB. *Totem e Tabu* (1974). Vol. XIII, p. 159.

riência de uma grande ambivalência diante da imagem “temida e invejada” do pai. Eles odiavam o pai que se opunha violentamente às suas exigências sexuais, mas, embora o odiando, o amavam e o admiravam.

Para melhor compreender essa tese freudiana a respeito do Édipo dos primitivos e seu papel fundamental na elucidação do problema do totemismo e, por conseguinte, da origem psicogenética do fenômeno religioso, é oportuno aprofundar um pouco a noção de ambivalência pois, sem dúvida, ela traduz o fenômeno mais fundamental de nossa vida afetiva. Na base da ambivalência, encontra-se a onipotência do desejo infantil. Desejando a morte de seu pai, a criança quer substituí-lo junto de sua mãe, vale dizer, ela quer ser o pai. Da mesma forma, os primitivos assassinaram o pai primitivo para se apoderarem de seus privilégios. Eles também queriam ser o pai, e, pelo processo de idealização, também – da mesma forma que as crianças – atribuíram ao pai os privilégios com os quais sonhava a onipotência de seu desejo narcisista.

Vimos que, na refeição totêmica, havia o mesmo processo de idealização narcisista. De fato, pela comunhão da carne e do sangue do animal totem, substituto do pai, os primitivos procuravam adquirir não só uma participação na sua força e poder, mas uma total identificação com ele. Esse desejo de identificação, em última análise, não é senão uma expressão da megalomania do narcisismo infantil. Na base dos desejos de morte bem como de glorificação do pai morto, encontra-se o mesmo processo de idealização da imagem do pai.

Todo o tempo em que a criança ficar sob a dominação dessa ambivalência, ela será prisioneira de suas fantasias nas suas relações com o pai. Se o pai não lhe proporciona os privilégios, que ela reclama na sua demanda narcisista, não é porque não os tem. A recusa é recebida pela criança antes como uma punição. Ilusão e culpa se unem assim em todas as manifestações da megalomania do desejo infantil. É somente no declínio do Complexo de Édipo que essa megalomania se apaga. A angústia de castração leva a criança a renunciar aos seus desejos edipianos e a admitir as exigências da realidade. Somente na medida em que a criança assume a castração simbólica e supera o conflito edipiano, ela faz a experiência de sua finitude e renuncia ao desejo de ser o pai ou de querer tomar o lugar dele.

As proibições tabus e o cerimonial totêmico supõem a persistência da problemática da ambivalência, ligada ao complexo paternal. A dialética da desaprovação e do desmentido da repetição do ato do assassinato é uma prova. Os ritos e as prescrições tabus da religião totêmica são as manifestações de uma problemática edipiana não resolvida.

O sentimento de culpa na origem da religião

Para Freud, a ambivalência dos primitivos em relação ao pai e ao seu

substituto (o animal totem) encontra-se na origem da religião totêmica. Esta, apesar de sua forma elementar, tem importância considerável para o conjunto da evolução religiosa, porque ela emana da fonte primeira da qual provêm todas as outras formas de religião: o sentimento de culpa. Para ressaltar a importância do tema da culpa e seu papel na psicogênese da religião, é preciso colocá-lo no contexto evolutivo do pensamento e da teoria freudiana.

No contexto de suas primeiras teorias sobre as pulsões e sobre o aparelho psíquico, Freud se contentou em mostrar as motivações inconscientes do sentimento de culpa, reduzindo-o a uma forma particular de angústia, ligada à coexistência do amor e do ódio e à ambivalência dos sentimentos para com a imagem paterna. Com a introdução da pulsão de morte e a doutrina do Superego, o estudo psicanalítico da culpa se beneficiou de um contexto doutrinário mais rico. Nesse campo conflitivo mais vasto, o sentimento de culpa encontra-se numa relação mais estreita com as instâncias da vida psíquica. Ele se apresenta, então, como uma formação de compromisso, pela qual o Ego obedece às exigências irracionais do Superego, encontrando nisso um meio de satisfazer suas pulsões, que, de outra forma, lhe seriam proibidas. É essa nuance de compromisso que dá ao sentimento de culpa o caráter patológico ou até patogênico.

Ligado às relações de dependência do Ego para com o Superego, o sentimento de culpa torna-se grande parte inconsciente. A dificuldade de se explicar a contradição aparente de um sentimento de culpa inconsciente recebe, desse modo, uma justificação mais adequada: o Superego, diferenciado como uma instância crítica e punitiva, introduz a culpa na própria dinâmica das relações intersistêmicas da vida psíquica. A culpa, em última análise, não é outra coisa senão a forma sob a qual o Ego recebe a crítica do Superego. Freud chega a dizer que

normalmente uma grande parte do sentimento de culpa tem que ser inconsciente (ein großes Stück des Schuldgefühls normalweise unbewußt sein müsse), porque a origem da consciência (moral) é intimamente ligada ao Complexo de Édipo, que pertence ao Inconsciente (weil die Entstehung des Gewissens innig an den Ödipuskomplex geknüpft ist, welcher dem Unbewußten angehört).⁴⁰

Nesse contexto, poder-se-ia dizer que o delito pode também ser o resultado da culpa e não a sua causa, quando, por exemplo, uma pessoa que comete um crime “encontra um certo alívio em poder ligar a culpa in-

⁴⁰ FREUD, Sigmund (1923). *Das Ich und Es* (1982) SA. Vol. III, p. 318; SB. *O Ego e o Id* (1976). Vol. XIX, p. 68.

consciente a alguma coisa de real e de atual”.⁴¹ Se a dimensão inconsciente do sentimento de culpa encontra-se até em suas expressões normais, ela aparece melhor nas manifestações patológicas. Na melancolia, por exemplo, ele encontra sua forma expressiva mais terrível, porque, nela, uma espécie de cultura pura da pulsão de morte (eine Reinkultur des Todestriebes) consegue com frequência levar o Ego à morte.

Freud não dissimulou a dificuldade que sentia em querer determinar a fonte principal do sentimento de culpa. Quando, em 1928, ele escreveu o trabalho sobre Dostoievsky e o Parricídio, dizia que suas pesquisas ainda não lhe tinham permitido estabelecer, com certeza, a origem psíquica do sentimento de culpa e da necessidade de expiação. No entanto, embora reconhecesse isso, sempre se inclinava a querer ver essa origem nas manifestações da problemática edípiana, tanto em nível do indivíduo quanto da humanidade.

Por ter assim ligado a culpa à problemática edípiana, Freud pôde relacionar também a angústia moral ou a angústia diante do Superego à angústia de castração. No estudo sobre Dostoievsky e o Parricídio, ele fez uma análise extraordinária da complexidade psicológica do sentimento de culpa ligado à situação edípiana e destacou o papel que aí exerce a angústia de castração. Como “castigo”, a castração é sempre terrível e sua ameaça é fonte permanente de angústia. Quando a criança teve um pai violento e cruel, seu Superego retoma seus atributos. A necessidade de punição desenvolve-se então no Ego, que se torna uma vítima do Destino (projeção do pai) e encontra uma satisfação particular nos maus tratos que lhe são infligidos pelo Superego.

Se levarmos em consideração o que Freud diz sobre o Édipo dos primitivos e de sua ambivalência em relação ao pai castrador da horda, não é difícil ver, que, para ele, o sentimento de culpa está na origem da religião totêmica. Na reconstrução do mito do assassinato do pai primitivo, nós consideramos o tempo do desmentido e da retratação como sendo marcados por um profundo sentimento de culpa em relação ao pai assassinado. A religião totêmica foi criada para apaziguar tal sentimento, que esmagava os filhos assassinos. Freud o diz claramente: “A religião totêmica resultou da consciência de culpa dos filhos como uma tentativa de abafar esse sentimento e de obter a reconciliação com o pai ofendido por meio de uma obediência retrospectiva.”

Freud acredita que esse sentimento de culpa do homem primitivo pôde ser transmitido filogeneticamente. Por isso, para ele, esse mesmo sentimento encontra-se também na psicogênese tanto do monoteísmo judaico quanto do cristianismo, uma vez que neles podemos encontrar o mesmo sentimento de culpa, motivado pela repetição compulsiva do ato do assassinato de Moisés e do sacrifício de Cristo, crimes que, em última análise, não seriam

⁴¹ Idem *ibidem*. SA. Vol. III, p. 319; SB. Vol. XIX, p. 69.

senão a repetição do assassinato primeiro cometido contra a pessoa do pai primitivo (Urvater).⁴²

Considerações finais

Nestas considerações finais, vamos submeter a uma reflexão crítica os elementos essenciais que estão na base da interpretação freudiana das origens totêmicas do fenômeno religioso. Discutiremos a apresentação do totemismo como uma fase essencial do desenvolvimento da humanidade, depois a afirmação categórica de que ele é a forma mais elementar do fenômeno religioso. Analisaremos também as hipóteses e analogias elaboradas por Freud, do ponto de vista psicanalítico, para interpretar a lei exogâmica e o medo do incesto e, de modo particular, a teoria da recapitulação que aplica à filogênese o que a clínica descobre em nível da ontogênese, a hipótese lamarquiana da transmissão hereditária das qualidades adquiridas e a historicidade do assassinato do pai da horda primitiva.

O sistema totêmico

As teses totêmicas foram formuladas por Mc Lenan nos anos 1869-1870. Em 1887, Frazer fez delas uma primeira síntese teórica que alcançou grande sucesso e suscitou uma vaga de entusiasmo entre os etnólogos, historiadores, sociólogos e psicólogos da religião. Durkheim via, nela, a fonte fundamental do fenômeno religioso.⁴³ Em 1910, Frazer publicou uma nova edição de sua obra, nela ajuntando uma verdadeira enciclopédia sobre o totemismo. Freud fez dela a principal fonte de seu livro *Totem e Tabu* (1913).

Mas depois dessa onda de entusiasmo, os etnólogos começaram a questionar as teorias totêmicas.⁴⁴ Uma das críticas mais sugestivas foi a de

⁴² Essa tese de uma transmissão filogenética do sentimento de culpa baseia-se sobre a hipótese freudiana de uma *herança psíquica*. Na sua doutrina do Superego, Freud encontrou novas bases para a defesa dessa hipótese. De fato, o Superego forma-se a partir das identificações da criança com seus pais e, particularmente, com o Superego deles. Assim sendo, pode-se dizer que o Superego possui uma dimensão filogenética e pode tornar-se o portador de um sentimento de culpa, que se transmite de geração em geração. Herdeiro do Complexo de Édipo, tal como ele se apresenta não só em nível do indivíduo, mas de toda a humanidade, o Superego “encontra-se em relação com as aquisições filogenéticas do Id e constitui a reincarnação de todos os antigos egos que deixaram suas marcas no Id”. FREUD, Sigmund (1923). *Das Ich und das Es* (1982) SA. Vol. III, p. 315; SB. *O Ego e o Id* (1976). Vol. XIX, p. 64-65.

⁴³ Cf. E. Durkheim. *Les formes élémentaires de la vie religieuse*. Le système totémique en Australie (1912). Sobre a história das teorias totêmicas, cf. A. VAN GENNEP, *L'état actuel du problème totémique* (1920) e R. MAKARIUS, *L'origine de l'exogamie et du totémisme* (1961).

⁴⁴ Veja-se particularmente A. GOLDENWEISER, *Totemism, an analytical Study* (1910).

Claude Lévi-Strauss no livro *Le totémisme aujourd'hui*.⁴⁵ Para ele, o totemismo não pode ser definido como um objeto de natureza social; quando muito, ele consiste em uma disposição contingente de elementos não específicos que não formam uma síntese orgânica.

Seguramente, a hipótese totêmica expandiu-se com uma extraordinária rapidez, invadindo o campo inteiro da etnografia e da história das religiões. Mas os signos anunciadores de sua ruína foram quase contemporâneos de seu período de triunfo: a hipótese totêmica decaía no momento mesmo em que parecia mais segura. Por isso, Lévi-Strauss não hesita em afirmar que o totemismo foi uma grande ilusão. Aos seus olhos de etnólogo, o pretense sistema totêmico não tinha nada de arcaico. Sua imagem é uma imagem projetada e não recebida. Em resumo, se uma tal ilusão recobre uma parcela de verdade, esta “não está fora de nós, mas em nós”.⁴⁶

Como quer que seja, deve-se reconhecer que as hipóteses etnológicas sobre as quais Freud fundamentou o estudo do totemismo não têm hoje o prestígio que tinham no fim do século XIX e no começo do século XX. No que se refere ao aspecto religioso, é preciso reconhecer que, mesmo na época de seu grande sucesso, muitos etnólogos insistiam sobre a ausência de tonalidade religiosa nas práticas totêmicas. O próprio Frazer dizia: “No totemismo puro, tal como o encontramos entre os indígenas australianos, o totem não é nunca um deus e não é jamais adorado”.⁴⁷ Da mesma forma, Goldenweiser destaca que o aspecto religioso do totemismo é negligenciável e que não se poderia ver nele uma etapa necessária da evolução religiosa.⁴⁸ Por sua vez, Claude Lévi-Strauss sublinha que “foi a obsessão das coisas religiosas que colocou o totemismo na religião, afastando-o o mais possível (caricaturando, quando necessário) das religiões ditas civilizadas, pelo medo de que essas não corressem o risco de se dissolverem ao seu contato”.⁴⁹ Portanto, não são tão seguras as hipóteses etnológicas sobre as quais Freud fundamentou a hipótese sobre as origens totêmicas do fenômeno religioso.

A hipótese da recapitulação

Não menos criticáveis são as hipóteses biológicas aplicadas por Freud ao seu estudo psicogenético da religião, e, antes de tudo, à célebre hipótese da recapitulação. Ao longo de sua obra – e, particularmente, em suas incursões nos campos da Mitologia, da Etnologia e da Cultura, ele sempre procura

⁴⁵ Cf. Claude, LEVI-STRAUSS, *Le totémisme aujour'd'hui* (1962).

⁴⁶ Idem Ibidem.

⁴⁷ FRAZER, J. G. *Totemism and Exogamy* (1910) T. IV, p. 27-28. Citado por VAN GENNEP (1920), p. 40.

⁴⁸ GOLDENDWEISER, A. A. *Totemism, an analytical Study* (1910).

⁴⁹ Cf. LEVI-STRAUSS, Claude. *Le totémisme aujour'd'hui* (1962) p. 148.

articular a ontogênese com a filogênese. Para isso, chama a atenção para as analogias recolhidas no campo de suas experiências clínicas entre o primitivo, a criança e o neurótico. O pensamento do primitivo tem semelhanças notáveis com o da criança e o do neurótico. Assim, por exemplo, a onipotência mágica do pensamento encontra-se com os mesmos mecanismos e dinamismos psicológicos nas instituições totêmicas, nas idealizações narcísicas da criança e nas formações sintomáticas dos neuróticos. Mas Freud vai além desse nível analógico e parece querer adotar uma teoria da gênese das civilizações, mediante a aplicação à psicologia da célebre fórmula de Haeckel, “a ontogênese reproduz a filogênese”,⁵⁰ daí a hipótese de que as civilizações crescem e evoluem como o fazem as crianças e de que o desenvolvimento do organismo pode ser considerado como uma “abreviação” da evolução da espécie.

Não nos demoraremos em discutir essa hipótese biológica aplicada por Freud à psicologia. Trata-se de algo indemonstrável, como lembra Didier Anzieu: “Sua presença constante nos textos de Freud contribui para o descrédito da interpretação psicanalítica entre os etnólogos e entre os mitólogos contemporâneos. Se os psicanalistas querem dialogar seriamente com esses últimos, devem reconhecer o caráter ultrapassado dessa hipótese”.⁵¹

A hipótese da herança arcaica

Poder-se-ia dizer o mesmo sobre a hipótese da herança arcaica (ou da transmissão hereditária dos traços mnésicos inconscientes) pela qual Freud tentou explicar o problema da continuidade psíquica na vida das gerações. Essa hipótese, à qual ele retorna muitas vezes, faz pensar em uma espécie de “memória coletiva”, que permitiria, aos indivíduos de uma geração determinada, receber em herança, desde o seu nascimento, os traços inconscientes de grandes feitos que marcaram a história da raça humana. Assim, a doutrina do pecado original seria, em definitivo, uma elaboração secundária do sentimento de culpa da falta cometida contra a pessoa do pai primitivo e transmitida filogeneticamente de geração em geração.

Essa hipótese foi inspirada nas teorias de Lamarck, mas essas teorias não têm hoje mais crédito algum entre os estudiosos da biologia e da genética. Todavia, apesar dessa desaprovação categórica por parte da biologia moderna, Freud permaneceu um discípulo obstinado do lamarquismo desacreditado. Ele concebeu até um projeto de escrever, com a colaboração de Ferenczi,

50 Cf. FREUD, Sigmund (1913). *O interesse científico da Psicanálise*. SB (1974) Vol. XIII, p. 219-220. Este texto não foi inserido na *Studienausgabe*.

51 Cf. ANZIEU, Didier. *Freud e a Mitologia* (1970), p. 126. Ver também La Bare em *The Influence of Freud on Anthropology* (1958) e C. K. Kluckhohn, *The Impact of Freud on Anthropology* (1957).

um livro sobre as relações entre a doutrina de Lamarck e a psicanálise. Esse projeto, no entanto, nunca foi realizado, o que não quer dizer que Freud tenha renunciado à hipótese da herança arcaica.⁵²

O assassinato do pai da horda primitiva

A hipótese do assassinato do pai primitivo, na medida em que Freud acreditava que ela era científica, confirmada pelas doutrinas de Darwin e Atinkson e pelas teorias dos sacrifícios elaboradas por Robertson Smith, também foi vivamente criticada pelos etnólogos modernos.⁵³ Como já dissemos, não é o aspecto mítico e nem a função simbólica da hipótese freudiana que são discutidos, mas seu caráter científico. Por causa da tendência realística que o levava a procurar ao menos alguns indícios de realidade como suporte das formações fantasmáticas, Freud, como já foi dito antes, esteve sempre inclinado a admitir a realidade histórica do assassinato do pai da horda primitiva: “os primitivos realmente realizaram o que de acordo com todos os testemunhos, eles tinham a intenção de fazer (die Primitiven das wirklich getan haben, was sie nach allen Zeugnissen zu tun beabsichtigten)”.⁵⁴

Mas é no seu sentido simbólico que o mito freudiano deve ser levado em consideração e não como realidade histórica. Claude Levi-Strauss assim a ele se refere:

Como todos os mitos, este, que Totem e Tabu apresenta com uma tão grande força dramática, comporta duas interpretações. O desejo da mãe ou da irmã, o assassinato do pai e o arrependimento dos filhos não correspondem, sem dúvida, a nenhum fato, ou conjunto de fatos que ocupem na história um lugar determinado. Mas eles traduzem, talvez, sob uma forma simbólica, um sonho ao mesmo tempo duradouro e antigo. E o prestígio deste sonho, seu poder de modelar, sem mesmo o saber, os pensamentos dos homens, provem precisamente do fato que os atos que ele conta não foram jamais realizados, porque a cultura, sempre e em toda parte, a isso se opôs. As satisfações simbólicas nas quais se expande, segundo Freud, o arrependimento do incesto não constitui, portanto, a comemoração de um acontecimento. Elas são outra coisa. E mais do que isso: elas são a expressão permanente de um desejo de desordem, ou antes, de contra-ordem.⁵⁵

⁵² Ver, a esse propósito, o interessante testemunho de Ernst Jones in JONES, E. *La Vie et l'Oeuvre de Sigmund Freud*. Tome III (1969), p. 356.

⁵³ Vejam-se as críticas de B. Malinowski (1967) e as de A. L. Kroeber (1920) e (1939) e até as de etnólogos psicanalistas como G. Roheim (1950).

⁵⁴ FREUD, Sigmund (1913). *Totem und Tabu* (1982) SA. Vol. IX, p. 443; SB. *Totem e Tabu* (1974). Vol. XIII, p. 190.

⁵⁵ Cf. LEVI-STRAUSS, Claude. *Les structures élémentaires de la parenté* (1949), p. 563.

No discurso mítico, o que, antes de tudo, é colocado em destaque é a maneira como a realidade revela-se a si mesma, libertando seu poder de significação simbólica. Olhado nessa perspectiva, o mito freudiano da morte do pai primitivo tem outra dimensão que seguramente pode contribuir positivamente para um estudo interdisciplinar sobre as origens do fenômeno religioso.

Seguramente, apenas com esses dados psicanalíticos os enigmas da origem da religião não podem ser resolvidos. A eles devem ser reunidas outras causas “conhecidas ou ainda não reconhecidas”. O próprio Freud jamais reivindicou para a psicanálise a tarefa de fazer, sozinha, a síntese de todos os fatores e de todas as causas que os estudiosos da história das religiões descobriram para decifrar o enigma da origem do fenômeno religioso. A psicanálise certamente tem uma contribuição a dar para a eficácia desse diálogo interdisciplinar, que só será verdadeiramente eficaz se seus participantes renunciarem ao desejo de querer impor uns aos outros os seus monopólios ideológicos, com os quais qualquer tentativa de diálogo é condenada ao fracasso.

Em um próximo ensaio, é meu propósito discutir como Freud elaborou a reconstrução histórica de outras formas mais evoluídas do fenômeno religioso, tais como o monoteísmo judaico e o cristianismo e a submeteu a uma interpretação psicanalítica.

Referências

- ANZIEU, D. Freud et la Mythologie. In: *Incidences de la Psychanalyse* – Nouvelle Revue de Psychanalyse. N.1, 1970.
- ATKINSON, J. J. *Primal Law*. London: 1903.
- BACKES, C. Continuité mythique et Construction historique. In: *L'Arc*, n. 34, 1968.
- BOONS, M. C. Le meurtre du père chez Freud. In: *L'Inconscient* – Revue de Psychanalyse, n° 5, 1968.
- DARWIN, C. *The Descent of Man*. 2 volumes. London: 1871.
- _____. *The variation of animals and plants under domestication*. 2 volumes. 2. ed. London: 1875.
- DURKHEIM, E. La prohibition de l'inceste et ses origines. In: *Année Sociologique*, n.1, 1898.
- _____. Sur le Totémisme. In: *Année Sociologique*, n.5, 1902.
- _____. *Les formes élémentaires de la vie religieuse*. Le système totémique en Australie. Paris, 1912.
- FRAZER, J. G. *Totemism and Exogamy*. 4 volumes. London, 1910.
- FREUD, S. (1900) *Die Traumdeutung*. SA. Band II. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag, 1982; SB. *A Interpretação dos Sonhos*. Vol. IV-V. Rio de Janeiro: Imago, 1972.
- _____. (1907). *Zwangshandlungen und Religionsübungen*. SA. Band VII. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag, 1982; SB. *Atos obsessivos e práticas religiosas*. Vol. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- _____. (1908 [1907]). *Der Dichter und das Phantasieren*. SA. Band X. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag, 1982. SB. *Escritores criativos e Devaneio*. Vol. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

- _____ (1912-1913). *Totem und Tabu*. SA. Band IX. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag, 1982. SB. *Totem e Tabu*. Vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- _____ (1915). *Zeitgemässes über Krieg und Tod*. SA. Band IX. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag, 1982. SB. *Reflexões para os tempos de Guerra e Morte*. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- _____ (1919). Prefácio ao livro de REICK. In: *Ritual: Estudos Psicanalíticos*. SB. Vol. XVII.
- _____ (1921). *Maßpsychologie und Ich-Analyse*. SA. Band IX. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag, 1982. SB. *Psicologia de Grupo e Análise do Ego*. Vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- _____ (1923 [1924]). *Das Ich und das Es*. SA. Band III. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag, 1982. SB. *O Ego e o Id*. Vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- _____ (1925). *Um Estudo Autobiográfico*. SB. Vol. XX. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- _____ (1930). *Das Unbehagen in der Kultur*. SA. Band IX. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag, 1982. SB. *Mal-estar na Civilização*. Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- _____ (1934-39). *Der Mann Moses und die Monotheistische Religion: Drei Abhandlungen*. SA. Band IX. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag, 1982. SB. *Moisés e o Monoteísmo: Três ensaios*. Vol. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- _____ (1937). *Konstruktionen in der Analyse*. SA. Ergänzungsband. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag, 1982. SB. *Construções em Análise*. Vol. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- FREUD/JUNG (1974). *Correspondência completa*. Organizada por William McGuire. Tradução de Leonardo Fróes e Eudoro Augusto Macieira de Souza. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- KROEBER, A.L. Totem and Taboo in retrospect. In: *American Journal of Sociology*. 1939. (45).
- LACAN, J. *Écrits*. Paris: Seuil, 1966.
- LANG, A. *Social Origins*. London, 1903.
- _____. *The Secret of Totem*. London, 1905.
- _____. Totemism. In: *Encyclopaedia Britannica* (11. ed.).
- LEVI-STRAUSS, C. *Les structures élémentaires de la parenté*. Paris: Presses Universitaires de France, 1949.
- _____. *Le Totémisme aujourd'hui*. Paris: Presses Universitaires de France, 1962.
- MALINOVSKI, B. *La sexualité et sa répression dans les sociétés primitives*. Trad. par S. Jankélévitch. Paris: Petit Bibliothèque Payot, 1967.
- MAKARIUS, R. et L. *L'origine de l'exogamie et du totémisme*. Paris: Gallimard, 1961.
- MC LENNAN, J. F. *Studies in Ancient History*. London, 1876. Second Series. London, 1896.
- ROHEIM, G. The Oedipus Complex, Magic and Culture. In: *Psychoanalysis and the Social Sciences*. Vol. II. New York: International Universities Press, 1950.
- SMITH, W. R. *Lectures on the Religion of the Semites*. 2. ed. London: 1894.
- SPENCER, H. The Origin of animal Worship. In: *Fortnightly Review*, 7, 1870.
- TYLOR, E. B. *Primitive Culture*. Researches into the Development of Mythology, Religion, Art and Custom. 2 volumes. London, 1891.
- VAN GENNEP, A.A. *L'état actuel du problème totémique*. Paris: E. Leroux, 1920.